

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO SUPERIOR DE BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL –
PLAGEDER**

ALICE FERNANDES PRESTES ARALDI

**O PAPEL DA PECUÁRIA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE LAVRAS DO
SUL/RS: especificidades culturais e acesso às políticas públicas.**

Lavras do Sul

2017

ALICE FERNANDES PRESTES ARALDI

**O PAPEL DA PECUÁRIA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE LAVRAS DO
SUL/RS: especificidades culturais e acesso às políticas públicas.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Dra. Daniela Kühn

Co-Orientador: Maycon Noremberg Schubert

Lavras do Sul

2017

ALICE FERNANDES PRESTES ARALDI

**O PAPEL DA PECUÁRIA FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO DE LAVRAS DO
SUL/RS: especificidades culturais e acesso a políticas públicas.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de ____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Daniela Kühn – Orientadora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof. Dr. Fábio Dal Soglio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

RESUMO

Este trabalho trata do papel da pecuária familiar no desenvolvimento de Lavras do Sul/RS com focalizando as especificidades culturais e o acesso às políticas públicas, identificando as aspirações e peculiaridades deste público, bem como as motivações e estratégias que compõem o seu modo de vida e trabalho. O objetivo desta análise é aprimorar o conhecimento sobre estas famílias, a fim de contribuir para a sua inserção nos processos de desenvolvimento local, de forma mais ajustada às suas reais necessidades e planos. Através do estudo de caso qualitativo, e de entrevistas semiestruturadas com 12 (doze) pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS, foi ampliado o conhecimento das suas representações sociais e modo de vida. O trabalho mostra que o acesso as políticas públicas como ferramentas de desenvolvimento, bem como como a participação em associações e formas organizacionais da sociedade, ocorre de maneira condicionada à manutenção da sua autonomia. As informações e dados coletados mostraram uma relação de interdependência com o meio ambiente, com os animais que criam e com a rotina de trabalho, bem como uma visão de continuidade na transmissão da terra e dos valores recebidos, entre as gerações. A pecuária como matriz produtiva, a natureza, a vida no campo e o estilo de vida do gaúcho são valores cultivados através da dedicação e do cuidado com o que herdaram ou conquistaram. Possuem estratégias de sobrevivência, de enfrentamento das adversidades, de resistência na atividade e de gestão do trabalho que fortalecem o desenvolvimento rural e a identidade cultural regional.

PALAVRAS-CHAVE: Pecuária familiar; desenvolvimento rural; políticas públicas; representações sociais; modo de vida.

ABSTRACT

This work deals with the role of family livestock in the development of Lavras do Sul / RS, focusing on cultural specificities and access to public policies, identifying the aspirations and peculiarities of this public, as well as the motivations and strategies that make up their livelihood and job. The objective of this analysis is to improve the knowledge about these families in order to contribute to their insertion in the processes of local development, in a way more adjusted to their real needs and plans. Through the qualitative case study, and semi-structured interviews with 12 (twelve) family ranchers from Lavras do Sul / RS, the knowledge of their social representations and way of life was broadened. The work shows that access to public policies as tools for development, as well as participation in associations and organizational forms of society, occurs in a manner conditioned to the maintenance of their autonomy. The information and data collected showed a relationship of interdependence with the environment, with the animals they create and with the routine of work, as well as a vision of continuity in the transmission of land and values received, between the generations. Livestock as a productive matrix, nature, country life and gaucho lifestyle are values cultivated through dedication and care with what they have inherited or conquered. They have strategies for survival, coping with adversity, permanence to activity and work management that strengthen rural development and regional cultural identity.

KEY WORDS: Family livestock; rural development; public policy; social representations; lifestyle.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL.....	13
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	18
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	20
5.1. Características da pecuária familiar de Lavras do Sul/RS no Desenvolvimento Rural do município.....	20
5.2. As representações sociais e o sentido das resistências dos pecuaristas familiares de Lavras do sul/RS em torno do termo desenvolvimento rural.....	23
5.3. As interfaces dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS com as diversas políticas públicas de desenvolvimento levadas adiante no município.....	27
5.4. As complexas relações que os pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS apresentam com o meio ambiente, na exploração da atividade pecuarista.....	29
5.5. As dinâmicas culturais em torno do modo de vida dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado com base na seguinte estrutura: introdução abordando inicialmente a localização do município de Lavras do Sul/RS e suas características geográficas, contextualização do presente trabalho e do tema escolhido, problemática que motivou a escolha do tema pecuária familiar e as justificativas para a investigação e pesquisa deste tema, os objetivos, geral e específicos que nortearam a busca e a interpretação dos dados. Na continuidade trazemos o histórico do município, que serviu de base para a leitura das informações coletadas no contexto do tempo e da construção histórica da realidade que hoje se apresenta. Logo após apresentamos a problemática em torno do tema pecuária familiar, com foco na sua representatividade no desenvolvimento de Lavras do Sul/RS, seguida das justificativas e motivações para a escolha desta temática e abordagens, em específico. Mais adiante, encontraremos a fundamentação teórica que embasou este estudo. Na próxima seção descrevemos os procedimentos metodológicos que conduziram a coleta de informações e a organização do presente estudo. Na seção seis encontramos as explicações e discussões empíricas, fruto do exercício de análise do material coletado e das reflexões das referências teóricas estudadas, e por fim, a elaboração das considerações finais realizadas.

Nas campanhas do Rio Grande do Sul encontra-se uma pequena cidade encravada em campos ondulados por coxilhas. Lá muitas famílias vivem da pecuária desenvolvida em fazendas e estâncias, por muitas gerações, levando um estilo de vida muito próximo do que personifica o típico gaúcho.

Esta cidade chama-se Lavras do Sul/RS e está localizada na mesorregião do Sudoeste Rio-grandense e na microrregião da campanha meridional. O município possui uma extensão territorial de 2.600,60 km² e conta com uma população total de 7.679 habitantes (IBGE, 2017), que está distribuída da seguinte forma: população urbana de 4.841, população rural 2.832 habitantes. Sendo a pecuária familiar a sua principal atividade econômica.

Fonte:
<https://screenshots.firefox.com/6tgiQWIFuFoloOu/www.google.com.br>

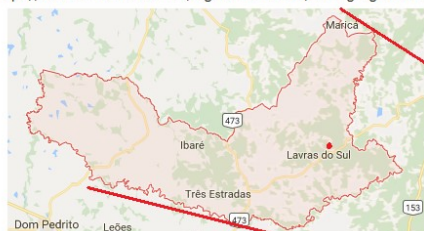


Figura 1 – Localização de Lavras do Sul no Estado do Rio Grande do Sul.
Fonte: Elaborada pela autora (2017).

A pecuária de corte foi fundamental para o desenvolvimento rural local, pois teve primazia na produção primária o município e, a partir desta época, começou a organizar as Feiras de Terneiros de Outono e de Primavera, para fortalecer a atividade através da comercialização. Neste período Assistência Técnica e Extensão Rural, ATER, já vinha fomentando a organização dos produtores em formas associativas e tecnologias de produção. Esses produtores eram vistos como grandes ou pequenos proprietários, sem que essa diferenciação estivesse estabelecida de maneira formal ou com ações políticas próprias. Essa discussão só viria bem mais tarde, após o surgimento de estudos e políticas públicas direcionados a um grupo especial de produtores chamados de ‘familiares’ que embasaram a criação do PRONAF - Programa de Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (RIBEIRO, 2016). A partir dos anos 2000 os pecuaristas familiares tiveram maior acesso a estas feiras e remates, em função da melhoria dos rebanhos através das políticas públicas de ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural, e aquisição de animais para melhoria genética através do PRONAF (EMATER/RS-ASCAR, 2017).

Lavras do Sul ocupa o 4435º lugar no *ranking* no mapa da pobreza e da desigualdade brasileiro, de acordo como o IBGE (2017), as grandes distâncias e dificuldades de acesso aos centros consumidores das grandes cidades gaúchas são fatores que contribuem para esta

realidade. O setor de indústrias e turismo é praticamente inexistente no município, e as principais setores econômicos, além da pecuária, são o comércio, o serviço público, a agricultura de grãos, a silvicultura e, mais recentemente, o retorno da mineração, que têm gerado muitos conflitos de interesses e opiniões quanto ao seu potencial de criação e empregos e renda em contraposição aos impactos ambientais e disputas de território com a pecuária.

Neste cenário os pecuaristas familiares vêm tecendo sua história da maneira simples e autêntica, procurando se ajustar as mudanças e novidades ao mesmo tempo em que cultuam as tradições, os campos, os rios, os animais, as matas e os ofícios que herdaram de seus pais e que pretendem deixar para seus filhos. Na busca de um desenvolvimento rural que lhes traga melhorias e esteja em consonância com as suas raízes. A pecuária familiar é um grupo de produtores com características específicas e padrões de comportamento peculiares. Captar as necessidades e anseios destes produtores e o seu papel no desenvolvimento rural tem sido um grande desafio para estudiosos, gestores e agentes promotores de mudanças, como os da extensão rural por exemplo, já que atuam na execução de políticas públicas, programas de desenvolvimento ou ações inovadoras.

Para a implementação e, principalmente, continuidade de ações junto a este público, é preciso transpor muitas barreiras socioculturais, econômicas e até mesmo geográficas, dadas as grandes distâncias impostas pelo vasto território Lavrense, e para tanto é de extrema importância conhecer as especificidades culturais, os modos de vida e as representações sociais dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS.

Identificar os valores, conceitos, as estratégias de ação/reação e o senso comum deste público é fundamental para uma atuação que possa verdadeiramente contribuir para um desenvolvimento rural. Através desta identificação este estudo busca aprofundar o conhecimento destas especificidades, almejando servir de fonte de informações que possam facilitar essas ações a partir dos dados e análises desenvolvidas. Confiamos na ideia de que o esforço dispendido nesta tarefa possa ser útil na aproximação entre os atores envolvidos e que algumas lacunas de desconhecimento possam ser preenchidas. Sabemos da complexidade e desafio que este estudo representa, por abordar um tema subjetivo e, até mesmo rarefeito, mas, acreditamos, também, na importância de iniciativas que possam produzir ferramentas eficazes para se avançar neste caminho.

É comum ouvirmos referências a este segmento do público rural, de resistência a inovações e notório apego ao modo de vida tradicional. Às vezes estas características são

citadas como positivas, principalmente quando se referem à preservação ambiental e cultural, mas quando o foco é desenvolvimento econômico e empreendedorismo as referências, muitas vezes, podem trazer um tom de reprovação relacionado à lentidão no desenvolvimento econômico da região.

A forma como os pecuaristas familiares reagem às inovações no modo de vida e de trabalho e às interferências externas, bem como à participação em grupos de relações ou de trabalho são objeto de interesse neste estudo, por acreditarmos que identificar os elementos que embasam suas atitudes e decisões será fundamental para a construção de propostas que consigam captar a complexidade do que seria o desenvolver-se para este público, em acordo com os seus reais anseios e metas.

A busca de respostas para estas perguntas são o foco deste estudo. Ou seja, como contribuir de fato para um modelo de desenvolvimento que traga melhoria da qualidade de vida aos pecuaristas familiares sem ferir o respeito pela cultura local e autonomia destas famílias é o fio no qual foi conduzida esta pesquisa. A fim de elaborar subsídios que possam ser úteis nas ações de extensão rural e para o alcance de resultados positivos para os segmentos envolvidos no processo evolutivo desta população e município.

O objetivo geral deste estudo é caracterizar a pecuária familiar em Lavras do Sul/RS reconhecendo os elementos que integram o debate sobre o processo de desenvolvimento rural no município sob as dimensões ambientais, sociais, políticas e econômicas. E os objetivos específicos são:

1. Explorar as representações sociais e o sentido das resistências dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul em torno do termo desenvolvimento rural;
2. Investigar as interfaces dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul com as diversas políticas de desenvolvimento levadas adiante no município;
3. Analisar as complexas relações que os pecuaristas familiares de Lavras do Sul apresentam com a o meio ambiente, na exploração da atividade da pecuária;
4. Compreender as dinâmicas culturais em torno do modo de vida dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul.

2 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

O município tem uma formação natural peculiar, identificada na nomenclatura Lavras (IBGE, 2017), que abriga a presença das jazidas auríferas, já conhecidas dos indígenas que

habitavam este território. Estes levaram estas informações a Rio Pardo, a quem pertencia esta região e a possibilidade de exploração do minério atraiu à portugueses e espanhóis. Os bandeirantes chegaram até aqui para formar acampamento às margens do Rio Camaquã com fins de exploração do subsolo.

“Em 1882, no dia 9 de maio, a Freguesia de Santo Antônio das Lavras emancipa-se de Caçapava do Sul. O desenvolvimento e autonomia para gerir seus próprios negócios, impuseram a independência, passando à categoria de Vila, estabelecendo-se então, a sua administração, como vila autônoma, graças a lei provincial nº 1364. (IBGE, 2017).

Os Jesuítas também vieram e construíram um novo povoado, com os índios, no Segundo Distrito de Lavras do Sul, chamado de Povoado de Santo Antônio, que desapareceu durante as guerras guaraníticas. Nesta região desenvolveu-se a pecuária de corte no local atualmente pertencente a Estância Curral de Pedras, na qual ainda encontramos esta mangueira de pedra com capacidade para doze mil cabeças de gado e o Cemitério dos Padres (M1, Lavras do Sul, 2017). Em 1846 ocorreu a construção da primeira igreja que abrigava os encontros religiosos e políticos da localidade.

Em 1882, no dia 9 de maio, a Freguesia de Santo Antônio das Lavras emancipa-se de Caçapava do Sul (IBGE, 2017) tornando-se Vila e em 1938 passou à categoria de município com o nome de Lavras do Sul.

A exploração do ouro trouxe famílias e companhias de mineração de diversos países que contribuíram com a diversidade étnica e cultural deste município e teve seu auge no final do século XIX, começando a decair no início do século seguinte. Esta conjuntura levou a população a concentrar suas atividades na pecuária, com ênfase na bovinocultura de corte e na ovinocultura, assim como na agricultura destinada ao abastecimento das propriedades.

O cultivo do trigo, teve grande expressão nas décadas de 1950 e 1960, fomentando a criação da Cooperativa Triticola Ibaré, no Segundo Distrito, consolidando formas organizativas de produção e comercialização no município. Esta cultura entrou em declínio devido a incidência de doenças fúngicas, abrindo espaço para a lavoura orizícola que persiste, nesta região, até os dias de hoje (Emater-RS/ASCAR, 2017). A agricultura de grãos foi incrementada na década de 1970 com a introdução da soja que oscila conforme as ondas do mercado desta *commoditie*.

A pecuária de corte e a ovinocultura dominaram as coxilhas dos campos Lavrenses, sendo praticadas na maneira peculiar dos pequenos produtores, maioria em número de

propriedades e famílias. Importante lembrar a presença de expoentes representados por alguns grandes fazendeiros e estancieiros que se destacaram pela busca de melhoramento genético e de organização de classe, sendo referência, nesta atividade, para os demais produtores e regionalmente, nas feiras e remates de gado.

A ovinocultura ocupou um papel de relevância na pecuária Lavrense caracterizando-se pela criação de raças com dupla função, produção laneira e de carne. O foco sempre foi direcionado à melhoria da qualidade da lã em resposta ao mercado têxtil, que teve papel relevante no Rio Grande do Sul nas décadas que seguiram o final da I Guerra Mundial (RIBEIRO, 2009), até a década de 1980. A partir deste período esta cultura entrou em crise, devida a concorrência com os fios sintéticos, deixando de ser uma atividade significativa na geração de renda e no sustento das necessidades básicas da propriedade, que até então eram garantidas pelos recursos da venda da lã e dos animais nas propriedades rurais de pecuária familiar. Atualmente o efetivo do rebanho ovino é de 65.249 animais segundo o Senso Agropecuário do IBGE (2017).

A COOBAGELÃ, Cooperativa Bageense de Lã, que congregava associativamente os ovinocultores da região e tinha uma filial em Lavras do Sul, foi diminuindo sua atividade, em função da citada crise, acabando por ser extinta na década de 1980.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

Para identificar a idiossincrasia dos pecuaristas familiares da campanha de Lavras do Sul entendo que é necessário contextualizá-los no cenário histórico e territorial no qual estão inseridos, bem como captar as correlações com o contexto maior no qual este recorte da realidade gaúcha está incluso, neste sentido a revisão da literatura torna-se um recurso rico e indispensável.

Segundo Torres (2003, pg.12), “[...] suas origens étnicas são constituídas principalmente dos sesmeiros luso- ibéricos, dos mestiços de índios, que deram origem ao gaúcho [...]”, referindo-se às etnias predominantes na formação do povo desta região. Considero relevantes estas ponderações pois cada etnia traz uma riqueza cultural original muito forte, que se perpetua na trajetória e gera marcas na sua identidade, as quais seus representantes se esforçam para preservar e passar adiante nas gerações que seguem. Assim como no nosso país e no nosso estado, no município de Lavras do Sul a diversidade de etnias é muito grande, dadas a forma de colonização ocorrida. Esta realidade compõe uma grande ‘colcha de retalhos’, numa linguagem figurativa típica das mulheres rurais, na qual somente com a presença, a forma e as cores de cada pedacinho é possível formar um desenho tão interessante e tão belo, quanto maior for a sua complexidade.

Já quanto ao sistema de produção tradicional das pequenas e médias propriedades, segundo Osório (2016, pg. 23) “[...] um produtor rural que era simultaneamente um agricultor e um pastor, que alimentava seu grupo familiar com sua produção de trigo, milho, feijão ou farinha de mandioca, carne e leite de seu pequeno rebanho e que possivelmente comercializasse algum excedente alimentar, alguma vaca ou alguns couros. ” A autora argumenta que o fazer destas famílias trazem um saber acumulado no cotidiano que constrói sua história e molda as escolhas diárias na execução das suas tarefas e dos seus planos de vida.

Ainda buscando explicações nas origens dos processos sociais que formaram as características deste povo e seu viver encontramos em Osório (2016, pg. 41), que o “[...] surgimento dos pecuaristas familiares é decorrente de diferentes processos históricos ocorridos nas regiões em que ocorrem estes pecuaristas [...]”, salientando que alguns destes personagens se originaram do fracionamento das grandes estâncias em decorrência do processo de sucessão familiar, outros vieram na migração de agricultores familiares no processo de colonização, principalmente os de origem europeia que migram de outras regiões

do estado e “[...] adotavam este modelo produtivo”. Ou ainda, baseados em outros estudos, “[...] por peões que trabalhavam em estâncias, que compravam pequenas glebas de terra [...]” (FERNANDES; MIGUEL, 2016, p.41). Esta obra traz informações importantes para a compreensão da distribuição de terras e os movimentos que contribuíram para a composição geográfica atual da região, o que podemos presenciar nos relatos durante as entrevistas realizadas.

Atualmente a denominação de um público específico desta região, como o pecuarista familiar, os caracteriza como um tipo pertinente à categoria social agricultor familiar, cuja singularidade está no fato de praticar um sistema de produção extensivo, baseado na bovinocultura de corte e ovinocultura, principalmente para garantir a reprodução da família e da propriedade (RIBEIRO, 2001).

Esta especificação traz um pouco da luta em reconhecer as peculiaridades deste público, que ficou de fora de várias políticas públicas em função de suas características. O tamanho das propriedades e a própria atividade de criação de gado eram interpretadas como diferentes, na compreensão dos gestores, como público da agricultura familiar, deixando este público excluído e, até mesmo invisibilizado segundo Ribeiro (2009).

Os pecuaristas familiares precisam avançar na conquista de direitos igualitários, para que possam, assim como os demais, ter acesso às políticas públicas gerais e especialmente a eles direcionadas. Já que estas são mecanismos fundamentais para fazer o elo entre as necessidades da população e as responsabilidades dos governos para com ela, como nos mostra Souza (2006, pg.20) ao resumir política pública “[...] como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente).”

O Desenvolvimento Rural é uma área de estudo baseada em uma gama de outras disciplinas que tratam do desenvolvimento direcionado ao rural, da sua amplitude e complexidade percebemos a impossibilidade de se ter um conceito único, muitos são concebidos a partir de uma multiplicidade de enfoques e linhas de ação diferentes. A Emater-RS/ASCAR traz uma concepção interessante numa de suas publicações sobre o desenvolvimento rural introduzindo o tema como:

“[...] um processo que tem características multilineares, formado pela ação de multiatores transcorrendo dentro da sociedade na busca da ampliação da qualidade de vida das pessoas, respeitando suas crenças e costumes, apoiando a liberdade de

opções e caminhos, sem perder de vista, de forma intrínseca, os ciclos naturais nos quais os grupos sociais estão imersos.” (COTRIM, 2014, p. 05)

O processo de desenvolvimento sofre transformações ao longo do tempo, acompanhando as mudanças da sociedade. Como salienta Navarro (2001, pg. 96) “o foco prioritário de uma ação destinada ao desenvolvimento rural modificou-se no período recente”.

Na atualidade, as questões ambientais passam a ser consideradas em todas as formas de desenvolvimento, sendo que “nenhuma estratégia de desenvolvimento rural poderá se assentar sem uma prioridade ambiental, especialmente no tocante ao manejo de recursos naturais como seu pressuposto” (NAVARRO, 2001, pg 96).

Essa discussão comporta a análise do vínculo que os pecuaristas familiares têm com o meio ambiente e que podem direcionar algumas das suas estratégias para o desenvolvimento em detrimento de outras questões, como as produtivas.

Trazendo uma abordagem mais voltada aos traços comportamentais, Ribeiro (2003) identifica os pecuaristas familiares como “um "tipo" diferenciado de agricultor familiar, forjado sob condições históricas de luta e adaptado ao ambiente.

No esforço de identificar os valores, as ideias, o jeito de ser e os anseios dos pecuaristas familiares buscamos a teoria e os conceitos de representações sociais de Serge Moscovici, as quais consideramos mais pertinentes ao foco deste estudo.

Para esse autor as representações sociais podem ser definidas como conjuntos de construções de sentido que se dão através das relações e das interações cotidianas dos sujeitos pertencentes a determinado grupo (MOSCOVICI, 1978), estas ideias aproximam-se da forma como percebemos os pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS e sua identidade, a qual tentamos captar nas entrevistas concedidas, tentando fazer uma leitura dos sentidos e significados que tem a realidade social para esses sujeitos.

O estudo das representações sociais nos remete a compreensão de que os pensamentos dos componentes de um determinado grupo, neste estudo de caso os pecuaristas familiares, se relacionam e têm ressonância nos demais sujeitos e acabam se tornando referência para este grupo.

Elementos intelectuais e emocionais, como opiniões, sentimentos, valores e concepções próprias circulam nas conversas entre as pessoas e acabam se cristalizando nas condutas, reafirmando-se como conceitos e ideias peculiares deste grupo, compondo um contexto sociocultural com lógica própria que passa a ter significado comum na construção simbólica da realidade vivenciada (MOSCOVICI, 1984).

O conjunto de alternativas, ações e estratégias compõem o modo de vida dos pecuaristas familiares e “pode ser utilizado, também, como fator explicativo das diferentes escolhas que são feitas pelos pecuaristas familiares”, que acabam por definir a “[...] composição das formas de sobrevivência e de reprodução” (RIBEIRO, 2009, pg. 70).

Um dos elementos que motivou a escolha do tema deste estudo foi o questionamento sobre as resistências como estratégia de comportamento presentes na construção de identidade deste grupo em foco. A construção de identidades segundo Castels (1999, pg. 24) sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, e propõe diferentes formas e origens de construção de identidade: legitimadora, de resistência e de projetos. Uma identidade de resistência pode ser “[...] criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica de dominação e identidade de projeto: quando atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade”, desta forma entendemos as resistências dos pecuaristas familiares como uma forma de auto proteção e de manutenção do modo de vida que escolheram e defendem, em alguma medida, dos efeitos das mudanças trazidas pela modernidade e interferências externas sendo, segundo o autor, uma das mais importantes formas de construção de identidade na formação de comunidades pois “[...] dá origem à formas de resistências coletivas diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável.” (CASTELS, 1999, pg 25).

Segundo o dicionário, resistir pode ser definido como “[...] o conjunto de estratégias utilizadas para defender uma posição, um lugar ou um conjunto de práticas culturais” (FERREIRA, 1975), cujo processo de desenvolvimento pode assumir novos contornos e ter (re) significância ao reconhecer que:

“[...]na sociedade do presente, os protagonistas das tradições, mediante suas práticas, têm podido trazer à tona e fazer vigorar, um passado que não está cristalizado, mas que insiste em se fazer presente, em uma performance que se traduz como força instauradora, capaz de transformar o presente e projetar possibilidades futuras.” (SANTOS, 2006, pg. 6).

Para conhecermos melhor este público também precisamos considerar os aspectos socioculturais e procurar compreender as suas dinâmicas e a “[...] forma como se insere na comunidade local e regional” (ANDREATTA; WAQUIL & MIGUEL, 2016, pg. 74), assim como as suas expressões artísticas, alimentares e de lazer.

O meio ambiente é muito importante para os pecuaristas familiares entrevistados e a relação com a natureza permeia o seu modo de vida. Não é possível conceber um desenvolvimento rural de forma desvinculada como o enfoque ambiental e para a composição deste trabalho buscamos compreender a constituição e as dinâmicas dos Campos Sulinos do Brasil, dos quais o município faz parte. No que se refere a flora dos campos do bioma Pampa, Boldrini (2009) foi uma importante referência teórica por abordar em seus estudos a complexidade destas paisagens.

“Embora aos olhos do leigo possa parecer simples, trata-se de um bioma complexo, formado por várias formações vegetacionais, dentre as quais o campo dominado por gramíneas é o mais representativo. A matriz geral é formada por áreas extensas de campos. Com inclusões de florestas pelas margens dos rios.” (BOLDRINI, 2009, p.67)

Assim com Bencke (2009) no que se refere a fauna presente neste ecossistema, quando coloca que “Os campos constituem o habitat principal de uma parcela expressiva da fauna do sul do Brasil e, em especial, do rio Grande do Sul [...]” com espécies endêmicas, inclusive, como o mamífero tuco-tuco (*Ctenomys lami*) ou o peixe-anual (*Austrolebias periodicus*). Além dessas destaca espécies de ameaçadas, e migratórias alertando para os aspectos importantes para a conservação da fauna dos campos sulinos.

Estes dois últimos autores citados, juntamente com Medeiros (2009), que trata da invasão de plantas exóticas nos campos do Sul fazem parte de uma obra que foi relevante na presente pesquisa: “Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade”.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo se fez necessária a escolha de métodos de pesquisa que conduzirem a busca de informações e a correlação com os objetivos pretendidos de forma organizada e coerente. Em acordo com Quivy & Campenhoudt (1995), foi preciso provocar uma ruptura com as ideias preconcebidas e com as supostas evidências que nos dão a falsa ilusão de compreender as coisas, para começar a construir uma proposta que possa explicar o papel da pecuária familiar no desenvolvimento rural de Lavras do Sul/RS e identificar as especificidades culturais presentes na conjuntura que hoje se apresenta, contribuindo para o alcance de algumas constatações.

1. A pesquisa é qualitativa e o método de pesquisa adotado foi o estudo de caso. Os sujeitos participantes do levantamento são pecuaristas familiares do município Lavras do Sul/RS. O número foi escolhido em função do curto tempo disponível para a execução deste trabalho de pesquisa e com base nas percepções adquiridas pelo trabalho realizado no município como extensionista rural com este público. Esta amostragem foi dividida em três categorias com características apriorísticas: Por idade, buscando verificar se jovens, adultos e idosos pensam de forma diferente ou se existem elementos comuns que possam ser relevantes para definir as suas representações sociais.
2. Por sistemas de produção, pesquisando produtores tradicionais, com dedicação exclusiva à pecuária familiar e outros produtores com pluriatividade, que dividem seu tempo com outras atividades geradoras de renda não agropecuárias.
3. Por gênero, ao entrevistar homens e mulheres das duas categorias acima, com o objetivo de averiguar se este recorte é significativo no modo de pensar desenvolvimento rural dentro da pecuária familiar de Lavras do Sul/RS.

Para atingir os objetivos propostos a coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, com alguns questionamentos fechados e outros abertos, no sentido de provocar reflexões e argumentações pertinentes ao tema deste estudo, realizadas em visitas individuais e coletivas aos pecuaristas familiares nas suas propriedades e em reuniões institucionais em que estejam presentes; observação participante, diário de campo e gravações de áudio. Os instrumentos serviram para registrar as informações com fidelidade e auxiliar na leitura dos conteúdos mais velados.

Antes e durante as entrevistas foi feita a exposição dos objetivos desta monografia e colhidos dados e informações pertinentes ao nosso objetivo, assim como a apresentação e assinatura do termo de consentimento de uso das informações.

A análise das informações e dados coletados foi realizada de forma a identificar a presença de elementos que pudessem servir de base para o alcance dos objetivos propostos.

O presente estudo foi realizado nas comunidades de Ibaré, Nazária, Pontas do Salso, e Camaquã, por serem regiões representativas na presença de agricultores familiares com as características planejadas. Foram entrevistados cinco produtores e sete produtoras, identificados doravante com os seguintes códigos: do M1 ao M7 para as mulheres e do H1 ao H5 para os homens. O número maior de mulheres se deu em função de fazermos uma entrevista coletiva, após uma reunião para capacitação em segurança e soberania alimentar, com a confecção de pães, onde quatro mulheres manifestaram interesse em participar deste estudo, quando outras três entrevistas com mulheres já haviam sido realizadas, consideramos que os elementos trazidos nesta entrevista coletiva enriqueceriam o presente trabalho.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta parte pretende apresentar os resultados obtidos nas entrevistas e no estudo dos referenciais teóricos que embasaram esta pesquisa.

Nas seções seguintes trataremos das características, as representações sociais e o sentido das resistências da pecuária familiar de Lavras do Sul/RS em relação ao desenvolvimento rural do município, assim como suas interfaces com as políticas públicas de desenvolvimento locais. Também serão abordadas as dinâmicas culturais em torno do seu modo de vida.

5.1 Características da pecuária familiar de Lavras do Sul/RS no desenvolvimento rural do município

Falar de desenvolvimento a princípio, para algumas das pessoas que integraram este estudo, é falar de crescimento “É melhorar, né? Desenvolver é crescer” (M2, Lavras do Sul, 2017), como nos mostra, uma pecuarista familiar pluriativa que é professora durante a semana e ajuda o marido a tocar uma propriedade rural que ele assumiu integralmente após a aposentadoria da vida policial. Para o casal um município desenvolvido seria aquele que tem boas condições de melhoria e oportunidades de crescimento para todos.

A pecuária tem papel relevante no desenvolvimento de Lavras do Sul/RS, onde a presença de outros setores propulsores de desenvolvimento econômico como indústrias ou turismo é insignificante, sendo a pecuária de corte a principal estratégia produtiva local, pois que absorve um montante considerável na ocupação das terras e da mão de obra disponível neste território. Neste cenário os grandes produtores detêm certo *status* de expoentes e promotores do desenvolvimento rural local por serem proprietários de áreas consideráveis de terra e rebanhos de grande porte, e por ocuparem, historicamente, posição de destaque nos espaços de representatividade política e social.

Por suas organizações, como o Sindicato Rural de Lavras do Sul, que representa os grandes pecuaristas empregadores, passam a coordenação das feiras e remates de gado no município, que são o principal canal de comercialização do gado produzido no município e região, ou a formulação de diretrizes para o desenvolvimento local do setor como no

CITE's, Clube de Integração e Troca de Experiências, ou Seminários como “O Pampa e o Gado”, os quais são referências quando o assunto é desenvolvimento rural.

Nestes espaços, a abertura para a participação dos pecuaristas familiares vêm crescendo, nas últimas décadas, como podemos averiguar na reportagem intitulada “Tratamento igual para todos”, na Revista Oficial do Sindicato Rural de Lavras do Sul, que trata de assuntos relevantes para a pecuária local, na qual um pecuarista familiar conta a experiência de comercializar seus animais nas feiras e remates promovidos por este sindicato e destaca: “Em Lavras, indiferente do tamanho da propriedade, todo mundo é tratado de forma igual, o Sindicato Rural não difere o pequeno do grande produtor, todos são tratados da mesma maneira” (Revista Lavras do Sul, 2015,p.10). Tal fato é simbólico e mostra a inserção da pecuária familiar nos cenários de negócio e reconhecimento da sua importância nos aspectos econômicos do desenvolvimento rural.

A crise econômica que o país enfrenta se reflete na pecuária e principalmente na pecuária familiar, e muitos dos entrevistados manifestaram que a atividade está muito difícil, sendo considerada por alguns como, até mesmo, inviável para o pequeno produtor.

“Antes eu tinha cem hectares, que eu herdei, e tive coragem de comprar mais cento e quarenta hectares. E hoje se tiver dez hectares a venda por aí, eu não me animo a comprar, não tenho condições de comprar. Por que eu fiquei mais pobre, por que tudo o que eu tenho perdeu o valor. Se tu fizer um comparativo dos dez últimos anos para cá, a pecuária hoje é um péssimo negócio. Foi ótimo negócio, dava para se viver bem e até comprar, mas nos últimos dez ou doze anos a pecuária virou uma coisa, por causa dessas políticas!” (H1, Lavras do Sul, 2017)

Embora o foco econômico seja sinônimo de desenvolvimento para muitos, os pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS, já vislumbram que o fator econômico é transcendente e alcança outras dimensões envolvidas neste processo como manifesta H1 (Lavras do Sul, 2017) “Desenvolvimento rural pra mim tudo junto, é um conjunto, de tudo, de todos os fatores: econômicos, sociais e ambientais, só que aqui na nossa região tá muito difícil de o pequeno sobreviver”.

O pecuarista tradicional H1, que embora tenha tentado o serviço público por um curto período de tempo, voltou para a atividade herdada do pai e do avô que duplicou através da pecuária nos últimos trinta anos, atualmente manifesta seu descontentamento com a baixa rentabilidade que a pecuária enfrenta, situação manifestada pelos demais entrevistados que relacionam estas dificuldades a vários fatores: exigências legais (sanitárias, tributárias, trabalhistas e ambientais), altas taxas de impostos e encargos, falta de oportunidades,

abigeato, dificuldades de acesso a grandes centros consumidores, dependência dos frigoríficos, exportação em baixa e falta de liberdade para gerir o negócio conforme seu entendimento.

“Porque hoje a gente não pode mais quase nada na campanha, não se pode nada, ou muito pouca coisa. Parece que agora até pra se trocar um gado de campo tem que se tirar uma guia (nota do bloco de produtor para transporte). A senhora já pensou? Se pegarem a gente com o gado na estrada sem a guia.... Daí que o cara vá dar explicação...” (H3, Lavras do Sul, 2017)

Nos aspectos sociais podemos perceber que os pecuaristas familiares de Lavras do Sul se consideram inseridos nos processos de desenvolvimento rural sob diferentes óticas e todos manifestaram isso de alguma forma. Enquanto uma pecuarista familiar pluriativa de oitenta e cinco anos destaca a importância da manutenção dos pecuaristas familiares no campo, “[...]bem estabilizados e produzindo uma matéria prima de boa qualidade para que sejam ponto de referência, respeito e admiração como instrumento de motivação e atrair recursos, investimento e estrutura para o campo. ” (M1, Lavras do Sul, 2017), outra, de vinte e três anos, considera importante a possibilidade de estar “lá fora” oportunizando a compra e a venda do gado entre os vizinhos e “[...] evitando os gastos com transportes, produzindo, pagando impostos, comprando no comércio local [...]” (M2, Lavras do Sul, 2017) e votando na sua comunidade rural pois, segundo ela:

“[...] meu marido votava lá em Santa Maria/RS, onde a mãe dele mora e eu aqui, daí trouxemos o título dele pra cá. Pra que votar lá se a gente mora aqui? Temos que procurar uma coisa pra nós [...] O que dá a gente puxa para cá e assim a gente contribui aqui. Se a gente quer a prefeitura melhore a nossa estrada e que a gente possa participar de algum projeto” (M2, Lavras do Sul, 2017).

Todos relacionam os seus esforços para melhorar o seu nível de desenvolvimento familiar como desenvolvimento da sua região, reconhecendo o papel da sua cidadania e das relações interpessoais.

“Esse econômico já atinge diretamente o social, por que é inerente à qualidade de vida. A estrada que foi feita para o pecuarista vai servir para a comunidade. O social da campanha é esse, é a qualidade de vida boa, de cada um e de todos. O social da campanha esse, é a qualidade de vida boa, de cada um e de todos, eu sou de uma época onde havia muita gente na campanha e todo mundo viva em comunidade e se ajudava, hoje tá quase vazia, mas a vizinhança é mais importante ainda por isso”. (M1, Lavras do Sul, 2017).

O debate a esse respeito encontra eco na obra de Ribeiro, quando este opõe-se à tendência do desaparecimento das formas familiares frente ao capitalismo contemporâneo, e reconhece que “[...] os pecuaristas familiares possuem estratégias próprias de condução das suas atividades e da sua vida.” (RIBEIRO (2009, pg. 69).

O foco ambiental no desenvolvimento rural também aparece na fala dos entrevistados que percebem a dependência da pecuária familiar dos recursos naturais e acreditam que a forma como praticam essa atividade tem que estar em harmonia com as condições e ritmos da natureza.

“A pecuária precisa de pastagens saudáveis, de campo limpo. Para fazer uma boa pecuária tem que se cuidar do meio ambiente, manejar o campo, o mato e as águas sem estragar, pois, a pecuária é dependente de um ambiente são, bem preservado. A gente (os pecuaristas) evita o desmatamento e o uso de agrotóxicos, não termina com a natureza, isto também é desenvolvimento”. (M1, Lavras do Sul, 2017).

As noções de desenvolvimento rural mostraram pequenas diferenças nos relatos de entrevistados se fizemos comparativos por idade ou por dedicação exclusiva ou não à pecuária, sendo perceptíveis mais quanto ao tipo de linguagem empregada do que às concepções mais propriamente ditas.

5.2 As representações sociais e o sentido das resistências dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS em torno do termo desenvolvimento rural

As representações sociais são características que circulam e aparecem incessantemente na fala, no gestual (MOSCOVICI, 1978), na formação dos valores que marcam e identificam um determinado grupo social, traduzindo o seu cotidiano. Entre as várias características e estratégias observadas nos modos de vida dos pecuaristas familiares que fizeram parte deste estudo, as que mais se destacaram, sendo colocado em primeiro lugar por todos os entrevistados, foram o ‘gosto’ pela vida no campo e pela lida com o gado. Dois elementos indissociáveis para a maioria deles, o que referenda sua escolha, ou permanência, por esta atividade como seu meio de vida, pois lhes permite viver uma vida rural, tendo como opção de trabalho a pecuária.

Em segundo lugar, destacamos a vontade de que a pecuária como negócio tenha mais rentabilidade, “que o negócio melhore” (H1, Lavras do Sul, 2017), a fim de que proporcione a permanência deles na atividade, a nível individual, e a viabilidade da atividade, a nível de

desenvolvimento rural local de forma a garantir a manutenção das propriedades na pecuária de corte.

O vocábulo ‘manutenção’, e as suas flexões verbais, são utilizados com frequência pelos pecuaristas familiares ao se referirem à diversos interesses: “Pretendo me manter nessa vida” diz H2 (Lavras do Sul, 2017) durante a entrevista e frisa mais adiante “Vamos dizer que mantendo o que se tem, já é um baita negócio, tirando alguma coisa pra poder sobreviver [...] Por que é como se diz: é bastante trabalho! ”

Ao expressar o seu entendimento sobre desenvolvimento H3 (Lavras do Sul, 2017) diz que é “Procurar se manter, né? ”, ou ao se referir aos recursos naturais H1 (Lavras do Sul, 2017) manifesta que “Eu mantenho o meio ambiente, procuro manter ao máximo”. Os pecuaristas familiares empenham seus esforços na manutenção da propriedade, da natureza, da atividade e do modo de vida que conquistaram.

A possibilidade de exclusão ou abandono da pecuária familiar está presente em exemplos cada vez mais frequentes ao seu redor e ronda seus planos de continuar na atividade pecuarista, trazendo inseguranças à família. Neste contexto o uso do recurso linguístico, ao utilizar o termo “conseguir se manter”, torna-se sinônimo de sucesso, diante das adversidades que o setor atravessa.

Mesmo os mais pessimistas e descontentes com a atual conjuntura de preços baixos, dificuldade de comercialização e custos altos de insumos, revelam que apesar de pensarem na possibilidade de trocar de ramo, em comparação com outras atividades mais lucrativas, deixam claro que não conseguem “por que a gente pega amor pela terra e pelos bichos, né? ” (H1, Lavras do Sul, 2017).

Dentro deste foco algumas estratégias são parte do seu repertório para esta ‘manutenção’ na pecuária familiar: não esbanjar e evitar as dívidas. Estes comportamentos comedidos estão na base das representações sociais dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul e são manifestados em muitas ocasiões:

- Nos cuidados com a conservação da infraestrutura da propriedade, como moradia, galpões, galinheiros, maquinários e equipamentos, que geralmente são simples e funcionais;
- No orgulho em evitar o desperdício e os abusos de consumo na alimentação e no uso do dinheiro optando por ter apenas o suficiente para as suas necessidades de vestuário, alimentação, objetos e utensílios;

- No hábito de reformar, aproveitar ao máximo e reutilizar as suas coisas, chegando até mesmo a resistir quando é necessário se desfazer do que já está em mau estado de conservação ou defasado.

Dentro desta ótica das representações sociais destacamos, também, a criatividade e as habilidades dos homens e mulheres na confecção de muitos artigos utilitários aos serviços domésticos ou com o gado, ao vestuário ou à decoração da casa. Encontramos no meio rural hábeis artesãos e artesãs que transformam as matérias primas ordinárias como o couro, os chifres, os ossos dos animais, a madeira, a palha e a lã em verdadeiras obras de arte. Muitos fazem “cordas” e “arreios” para o cavalo e o trabalho com o gado, cabos de facas e chicotes, canecas, “cambonas”¹ para aquecer a água nos fogos de galpão, e transforma a lã em fio, que depois vai para os teares e agulhas transformar-se em belas peças de vestuário, mantas ou tapetes. Estas habilidades também são utilizadas para consertar o que puderem, como as panelas e chaleiras, por exemplo, que “[...] quando não têm mais remendo, a gente usa de servir de vaso para as folhagens ou de para dar água e comida para os bichos. ” (M1, Lavras do Sul, 2017), tudo com a intenção de aproveitar o que se tem e não gastar sem necessidade. As habilidades desenvolvidas através da dedicação e do treinamento nestes ofícios também são conhecimentos e técnicas passados de uma geração para outra.

Esta forma de levar a vida está calcada numa outra representação social dos pecuaristas familiares: a visão de logo prazo, pois justificam seus esforços e privações como “pequenos sacrificos” que têm o seu valor assegurado nos momentos de conquista. Uma entrevistada contou com orgulho que usava os mesmos sapatos por dois ou três invernos seguidos, mas que “valeu a pena” pois quando ela e o marido conseguiram comprar os seus primeiros cinco hectares “[...] bah, a gente tava no paraíso. E foi assim que fizemos para ter o que gente têm hoje. ” (M4, Lavras do Sul, 2017), atualmente estão satisfeitos por que criaram e encaminharam os seus filhos e têm tudo o que precisam na propriedade de 56 hectares. As estratégias de economia e privação do supérfluo é manifestada como um valor por vários dos pecuaristas familiares que participaram desta pesquisa podendo ser considerada uma forma de resolver o problema da restrição financeira, um hábito já internalizado, que serve de molde à

¹ Cambona – recipientes confeccionados com embalagens de alimentos enlatados e arame, para aquecer água no fogo de chão ou lareiras. (Nota da autora)

conduta dos demais (MOSCOVICI, 1978) e à educação dos descendentes na cultura do não desperdício.

Apesar da maioria dos entrevistados demonstra seu contentamento com suas conquistas e sua reprodução social, estes buscam melhorias para a sua atividade, propriedade e comunidade, lembrando, com saudosismo, os períodos em que havia bastante gente na campanha e ainda sonham com esta possibilidade no futuro “se as coisas melhorarem” (M7, Lavras do Sul, 2017).

As hierarquias na família ainda são presentes, mas de maneira cada vez mais “simbólica” com as mulheres assumindo novos espaços de atuação e de poder dentro da família e na sociedade. Além do domínio dos afazeres da casa e do cuidado com os filhos e o marido elas estão cuidando também do gado e das plantações, sendo que um número maior de mulheres tem participado das decisões de negócio e gestão dos recursos. Todas as entrevistadas arranjam uma maneira de “ter o seu dinheirinho”, seja na comercialização do excedente do cultivo de subsistência ou da confecção de pães, doces, queijos, biscoitos e artesanato, prática denominada de ‘quitanda, seja na prestação de serviços informais, formais ou com a aposentadoria. Duas das entrevistadas têm a sua própria produção pecuária, criando alguns animais de forma separada da produção da família, como garantia para o caso de precisarem e para poderem “comprar as suas coisinhas” (M5, Lavras do Sul, 2017), referindo-se a artigos femininos ou para a casa e presentes para os familiares e amigos. As mulheres que mais participam de formas associativas e grupos sociais estão mais conscientes dos seus direitos e desfrutam de maior autonomia e declaram que fazem questão de emitir a sua opinião, mesmo que os maridos não demonstrem concordar explicitamente com elas.

A liberdade no uso do tempo, nas escolhas das tarefas e o modo de fazê-las, é um outro fator significativo nas representações sociais deste público, e que pode ser considerada uma forma de desenvolvimento rural, segundo Cotrim (2014), que destaca que o desenvolvimento é um processo que se dá respeitando as crenças e os costumes da população rural e apoiando a liberdade de opções e caminhos. Uma das entrevistadas manifesta que não aprecia o ritmo frenético de algumas pessoas da cidade “[...]que tem hora pra tudo e vivem na correria” (M3, Lavras do Sul, 2017), em comparação com o sossego, a calma e a tranquilidade que eles têm na vida do campo, mais ajustada ao ritmo da natureza. Esta liberdade também é valorizada nas opções de negócio, pela possibilidade de decisão se querem ou precisam vender a safra de gado ou não, o que representa autonomia para eles.

A existência destes elementos diversos que fazem parte do repertório de alternativas dos pecuaristas familiares, segundo Ribeiro (2016), é fruto da sua dedicação à reflexão sobre o seu fazer e sobre os cenários e atores que compõem o seu mundo, pensar e conversar sobre o que os rodeia e suas implicações no seu modo de vida faz parte da sua rotina.

5.3 As interfaces dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS com as diversas políticas públicas de desenvolvimento levadas adiante no município.

As políticas públicas são fundamentais para alavancar o desenvolvimento rural e devem ser adequadas às diferenças existentes nos públicos e regiões a fim de atender as suas exigências. A pecuária familiar foi uma categoria que demorou muito a ser identificada como uma tipologia de público específica o que colocou esta parcela significativa de produtores em uma situação de invisibilidade, este produtor não tem sido identificado, considerado ou mesmo valorizado, tanto nas políticas públicas, quanto na sua representatividade política (RIBEIRO, 2009). Há menos de uma década foi feita a inclusão dos pecuaristas familiares de maneira oficial pelo governo do Estado, ao reconhecer a importância econômica e social desse segmento. Tal mudança ocorreu quando foi instituído no Rio Grande do Sul o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar, através da Lei Estadual Nº 13.515, de 13 de setembro de 2010, que tornou o apoio a esses produtores uma política de Estado, permitindo assim, o seu acesso às políticas públicas de crédito e financiamento como o PRONAF (EMATER, 2013).

Entre as políticas públicas mais citadas, o PRONAF e a ATER aparecem com destaque, sendo as mais identificadas como instrumentos de desenvolvimento rural pelo público que participou deste estudo. O PRONAF para o custeio de gado foi a modalidade mais acessada, seguida da compra de tratores e veículos utilitários pelo “PRONAF Mais Alimentos”, que é visto como uma ferramenta importante para ajudar a pecuária familiar, se bem aplicado, como todos fizeram questão de frisar.

“Sim, para compra de gado ajudou, contribuiu. Se a pessoa investir. Se tirar vinte mil pra comprar gado e for lá comprar um carro, aí não vai ser uma boa, por que daqui um ano, quando chegar a hora de pagar não vão mais ter como pagar, mas se tirar e botar no gado dá. Nosso gado é de corte, desde dois mil e quatorze eu e a filha, a gente tira, e eu compro pra mim e pra ela. Todo ano eu vendo os terneiros, pago a prestação e sobra dinheiro, e eu ainda fico com os cascos. Sempre sobra um lucrinho” (M5, Lavras do Sul, 2017).

A assistência técnica e a extensão rural estão presentes no município a mais de trinta anos e os reflexos desta ação continuada aparece na fala das famílias, com maior ênfase na visão das mulheres que relatam a participação nos grupos organizados, capacitações e assistência direta às famílias. Elas relacionam esta participação à conquista de autonomia e à perda de “[...] certos medos e receios, até de ir na cidade [...]” (M3, Lavras do Sul, 2017), duque completa: “[...] nos encontros começam a nos mostrar a importância de participar e a gente vai se chegando e vai. É onde a gente vai se desenvolvendo mais”. Esta produtora manifesta que até a relação com o seu marido melhorou depois que entrou para o grupo de fiandeiras e tecelãs assistido pela Emater-RS/ASCAR na sua localidade, pois aprendeu a beneficiar a lã e a ganhar dinheiro na venda dos seus produtos, tirando mais do ele na venda da lã bruta no mercado laneiro, o que lhe rendeu respeito junto à sua família e comunidade. Hoje ele a ajuda no curtimento das peles ovinas e na lavagem da lã e ela não precisa mais se justificar para que ele a deixe participar das feiras, pois ajudou na compra do carro e custeava as despesas “da viagem” com o seu trabalho, proporcionando para o “um passeio” para o marido e os filhos, quando ainda estavam com eles, nestas ocasiões.

Enquanto as mulheres enxergam de forma mais abrangente, reconhecendo os aspectos sociais e ambientais gerados por essas ações, os homens entrevistados, costumam citar as questões relativas às tecnologias de produção com foco produtivo e, principalmente, a viabilização do crédito e programas de fomento como o FEAPER, dos quais alguns participaram ou estão participando, evidenciando uma visão mais economista, o que pode estar relacionado as diferenças de gênero também na percepção do desenvolvimento rural que essas políticas públicas podem promover, fomentado pelo acesso e participação em políticas públicas.

Ambos destacam o papel inclusivo que a ATER cumpre, através dos técnicos da Emater-RS/ASCAR que “levam as notícias e explicam tudo pra gente, por que tem muita coisa aí, e a gente não faz por que não fica nem sabendo” (H2, Lavras do Sul, 2017), ao promover o conhecimento das políticas públicas e informações importantes junto às famílias do meio rural, pois acreditam que são mais desenvolvidas as famílias que têm acesso aos direitos.

Programas de governo como o RS Biodiversidade, RS Rural e Luz para Todos também foram lembrados e considerados como uma grande ajuda para a melhoria das condições de vida no campo e avanços tecnológicos nas metodologias de produção.

Outras políticas públicas também são reconhecidas como conquistas importantes, como a sindicalização e sua importância na conquista da aposentadoria e da inclusão da mulher e do jovem no “bloco do produtor”.

O acesso à educação para os filhos nas escolas e o atendimento em saúde através das UBS (unidades básicas de saúde) e das agentes de saúde comunitárias, bem como as melhorias nas estradas foram considerados como de vital importância. O acesso à comunicação com a telefonia e a internet, principalmente através dos celulares, também foram lembrados como avanços importantes dentro do tema de acesso às políticas públicas.

Todavia, a carência de políticas públicas destinadas aos jovens, principalmente para facilitar o acesso à terra, e às mulheres nas suas especificidades de pecuaristas familiares são as que fazem mais falta e, segundo as famílias e poderiam minimizar o quadro de “envelhecimento e esvaziamento do campo” (H5, Lavras do Sul, 2017).

5.4 As complexas relações que os pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS apresentam com o meio ambiente, na exploração da atividade pecuarista

O município de Lavras do Sul tem o território com a cobertura vegetal de campo nativo, em sua maioria, o que se reflete na predominância da produção pecuária como principal matriz produtiva.

Os pecuaristas familiares trazem nas suas raízes um profundo respeito pelo meio ambiente, refletido nas suas estratégias de sobrevivência e desenvolvimento, suas tecnologias de produção “ainda se caracterizam por uma reduzida utilização de insumos externos e por uma intensa relação, e dependência, dos fatores da natureza” (RIBEIRO, 2016, pg 102).

Reconhecem que a terra em que hoje estão assentados foi deixada para eles por seus antepassados e que tem um compromisso para com os seus descendentes de deixá-la como está ou até mesmo melhor, se possível. Este termo ‘melhor’ faz referência ao que os pecuaristas chamam de ‘campos limpos’ ou seja: não deixar a vassoura ou o “capim-annoni”, *Eragrostis plana* Nees, tomarem conta, por exemplo “A invasão de habitats pastoris por plantas exóticas é um fenômeno global, com graves consequências aos sistemas ecológicos, econômicos e sociais.” (MEDEIROS; SAIBRO; FOCHT, 2009, p. 317).

Outras práticas representativas dessa conduta são o cercamento e proteção “das aguadas”, que são as fontes d’água e os banhados, assim como o plantio de árvores frutíferas e utilitárias perto da moradia, para o aproveitamento como madeira na confecção de móveis,

lenha, sombra ou quebra vento. Todos trazem na forma carinhosa com que falam da “sua campanha”, a expressão do vínculo afetivo que tem com o meio ambiente e que podem ser traduzidas nas seguintes palavras “A gente tem que cuidar do meio ambiente [...] Esse cuidado vem da minha família, a gente cuida do mato por que aprendi a cuidar, com a minha família” (H2, Lavras do Sul, 2017). Este cuidado com o campo nativo representa o papel conservacionista que a pecuária familiar exerce na preservação da flora e da fauna que se encontram nos campos do sul do Brasil, assim como ao homem já que os campos nativos têm funções como a manutenção da biodiversidade, provimento de recursos genéticos, polinização e estabilização de ecossistemas, serviços ambientais úteis a este (BENCKE, 2012). Este mesmo autor ressalta que os campos nativos constituem ricas comunidades biológicas, representando importantes contribuições à biodiversidade do planeta, mostrando a sintonia que existe entre a visão do pecuarista familiar quanto a sua função social/ambiental, com caráter de baixo impacto ambiental.

Ao apresentarmos os questionamentos sobre o meio ambiente nas entrevistas todos demonstraram uma certa reserva inicial, até compreenderem exatamente o que estávamos querendo saber deles e se saberiam corresponder à nossa expectativa. Principalmente os homens que respondiam com poucas e bem pensadas palavras. Mas ao relatar as suas práticas do manejo com o gado essa reserva inicial foi deixada de lado e eles expressaram vivamente as suas preocupações com o meio ambiente e as suas estratégias para fazer uso dos recursos naturais sem causar grandes prejuízos ou danos irreversíveis ao mesmo.

A concepção de conservação do meio ambiente para o pecuarista familiar se mostra um pouco diferente da política ambiental vigente que traz uma postura rigorosa visando coibir qualquer alteração causada pelo homem em ambientes considerados de preservação permanente ou com espécimes ameaçados. As famílias não se consideram erradas ao interagirem com estes ambientes da forma que chamam de “cuidando para não estragar”, ou seja, acreditam que um manejo mínimo, baseado na observação acurada do contexto local não vai causar extermínio ou danos significativos e irreversíveis. Ao contrário, manifestam que algumas espécies são oportunistas, tanto vegetais quanto animais, e estão saindo do controle por não poderem ser manejadas com bom senso pelo ser humano. Muitos deles consideram-se, até, privados por algumas leis que não condizem com a realidade vivida no contato direto com a natureza, “Eu acho que o Rio Grande tem que ter uma (legislação), e lá pra Amazônia tem que ter outra. O que serve pra cá, não serve pra Santa Catarina [...], cada lugar tem que ter a sua própria legislação[...]” reclama H1 (Lavras do Sul, 2017) por entender que muitas leis

padronizadas podem comprometer um manejo sustentável de alguns ecossistemas. Segundo este mesmo produtor esta situação acaba, até mesmo, desmotivando o plantio de algumas espécies nativas por serem ‘intocáveis’. Outro exemplo deste conflito são as perdas no rebanho, principalmente de ovinos, onde os ataques de cordeiros por predadores naturais, como aves de rapina ou canídeos como o “sorro”, *Pseudalopex gymnocercus*, também conhecido como graxaim-do-campo (FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RS, 2014), ou ainda por felinos selvagens como os “pumas”, *Puma concolor* e *P. yagouaroundi*, e “gatos do mato”, *Leopardus sp* (BENCKE 2009, pg. 106) são um prejuízo. Essas perdas têm relevância nos índices de produtividade e de rentabilidade pois podem comprometer a safra de cordeiros dos pecuaristas familiares que mantêm rebanhos pequenos.

“No ano passado um puminha preto e comprido, de nariz chato, arrasou com a minha produção, de 58 cordeiros me deixou só dois, já desmamados. Isso, só lá em casa, sem falar da vizinhança, pois todo mundo perdeu. Bah! O prejuízo foi grande por que a gente cuida, gasta e conta com isso próximo ano e num piscar de olhos tudo se vai. A gente fica com pena de pegar um bicho desses mas perder tudo assim é brabo!” (H4 Lavras do Sul, 2017).

Aos mesmo tempo desaprovam condutas abusivas no que se refere a exploração da natureza. Um exemplo é a caça, que faz parte dos seus costumes é praticada mediante um repertório de condicionantes, eventualidade, responsabilidade no manuseio com as armas, comprometimento com a segurança, respeito aos períodos de procriação e de quantidade de animais e “não caçar ou pescar só por matar, se não for comer” (H1, Lavras do Sul, 2017). Nessa perspectiva surge o tratamento dado ao assédio das turmas de caçadores e pescadores “de fora” que buscam estas fazendas, o acesso a suas reservas naturais particulares é muito bem controlado e somente permitidos à grupos de sua confiança, conquistada por recomendações ou experiências positivas de comportamento em acordo com regras previamente combinadas.

Os cuidados com o campo apareceram na preferência da maioria dos produtores pelo campo nativo, utilizando o melhoramento de campo com o plantio de pastagens de inverno e de verão somente nas áreas de campos mais duros onde a oferta de alimento é insuficiente. Muitos manifestaram que se tivessem áreas de campos finos não plantariam aveia ou azevém pois a pastagem nativa é melhor para o gado e evita as espécies de gramíneas invasoras. O cálculo de lotação, a troca dos rebanhos entre os campos disponíveis e o uso das

“invernadas”² são os manejos mais tradicionais e comuns. Alguns produtores, geralmente os mais jovens, já realizam práticas conservacionistas como o rodízio do gado em piquetes (áreas delimitadas), focando na manutenção e produção de bancos genéticos das espécies forrageiras nativas de seu interesse.

Os homens predominam nas referências às metodologias de produção, mas nem por isso as mulheres deixam de estar envolvidas na parte tecnológica, assim, numa reunião de senhoras, após as trocas de saberes sobre confecção de pão caseiro, registramos o seguinte relato num trecho da entrevista de uma pecuarista tradicional idosa: “Aqui o campo ajudou muito, por que é bem melhor. Lá era um campo mais ruim, todo de serra, em cinquenta hectares tu não botava vinte reses. Aqui a gente bota cinquenta, uma por hectare. Sendo que o trabalho é o mesmo” (M4, Lavras do Sul, 2017), demonstrando que também entende de pecuária.

O cálculo do número de animais por campo é tema de constante observação e faz parte das suas reflexões e conversas até mesmo na hora do mate com a família ou com os vizinhos. A disponibilidade de área, o clima e seus reflexo na condição da pastagem e o estado dos animais, assim como a necessidade financeira, condições do mercado, da política comercial e disponibilidade de mão de obra são alguns dos condicionantes que as famílias relatam para justificar o tempo dispendido nesta tarefa. Conjuguar esses e outros elementos consiste em tarefa difícil, dada a sua complexidade, mas instigante pois é fundamental para a definição da estratégia a ser adotada. Eles creditam à essa equação o sucesso ou insucesso da atividade, no que lhes compete gerir. Porém, como foi possível perceber nas entrevistas, o viés ambiental vai ser considerado nestas escolhas “Para não esgotar o campo e nem perder a engorda” (M1, Lavras do Sul, 2017).

O cuidado com o campo, e tudo que tem nele, ultrapassa as porteiras e aparece nas relações entre vizinhos e na preocupação como o rumo que as propriedades estão tomando frente a crise que a pecuária enfrenta, o que levou muitos pecuaristas familiares a abandonarem a propriedade e irem para outras atividades, vendendo ou arrendando as suas propriedades, geralmente para o cultivo de soja.

² Invernadas – reserva estratégica de áreas de pastagem para sustentar o gado quando a oferta de massa verde é mais baixa, para os animais suportarem o rigor do inverno.

A experiência em plantar uma área de soja, ou arrendar para agricultores de fora, é ‘combustível’ para muita reflexão e conversa, e não angaria simpatia por parte dos entrevistados:

“Eu vejo os arrendatários meterem os arados e degradar tudo as nascentes [...]” eu não penso assim, eu ainda estou ali, mas e os meus filhos e os meus netos? Tem outras pessoas que vão vir [...] O plantador de soja já não pensa assim, se não der certo ele vai embora... E outra que a soja estraga muito a terra, agora só vem sujeira nas terras que foram lavoura, só vem sujeira. Agente vê exemplos por aqui, né? ” (M5, Lavras do Sul, 2017).

Outras produtoras citaram a mortandade das colmeias de abelhas, dos peixes nos rios e arroios e das aves, assim como a preocupação com as fontes de água que abastecem algumas famílias, relatando a perda de ‘cacimbas’ (fontes de água para o abastecimento das famílias) que ficam próximas às áreas de lavoura, como um impacto negativo do cultivo de soja nas áreas de pecuária. Na região da Nazária e Salso foi citada a presença da “mosquinha borrachuda” que não existia por aqui e teria vindo com a soja, há uns cinco anos.

Segundo o Programa Estadual Simulídeos³ encontramos no Guia para Orientação ao Municípios sobre Manejo Integrado, controle e Gestão de insetos da Família Simuliidae (*Diptera, Nematocera*) no Rio Grande do Sul uma referência que vêm ao encontro relatado pelos pecuaristas familiares entrevistados “Também, cada vez mais se verifica o ataque do simulídeo em locais onde a produção agrícola envolve a utilização de agrotóxicos, que chegam aos meios hídricos eliminando peixes e invertebrados, muitos dos quais são predadores naturais de simulídeos” (CEVS, 2006).

A discussão em torno do cultivo de soja passa pela questão do desenvolvimento rural, e a oposição a esta opção produtiva representa uma forma de resistência ao defender o uso da terra com a pecuária familiar como um modo de vida e atividade integrada às características ambientais locais.

“[...]a soja dá, mas também tem altos e baixos para o produtor. O gado, mesmo que tenha uma perda, tu perde no peso, mas tu vai engordar e amanhã tu tá ganhando e além do mais ele dá menos poluição pro meio ambiente. Não dá tanto dinheiro, mas é uma segurança, e um futuro pras outras gerações que tão vindo aí. Essa é a minha preocupação” (M5, Lavras do Sul, 2017).

Este conflito pelo uso do território na campanha de Lavras do Sul pode ser demonstrado nos mapas do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, mostrados a seguir,

³ Programa da Coordenadoria Estadual de Vigilância Sanitária, ligada à Secretaria Estadual de Saúde, nos serviços de vigilância de vetores e zoonoses. (CEVS, 2006)

que mostram o avanço da produção de soja no período de 1998 - 2000, quando o município de Lavras do Sul/RS (destacado por uma seta) aparece com 0- 10.000 toneladas, e no período de 2013 - 2015, onde já consta no enquadramento de município com produção de soja entre 2 - 50.000 toneladas, na comparação entre os dois mapas podemos verificar o aumento da ocupação territorial com o cultivo de soja também na região de entorno do município, evidenciando este avanço:

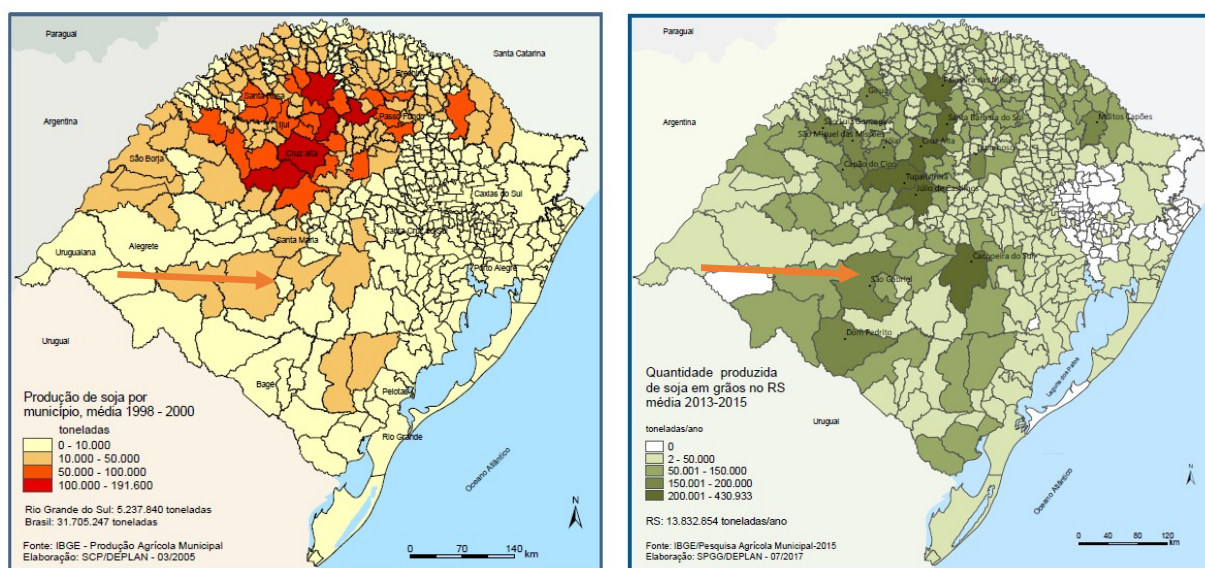


Figura 2 e 3 – Mapas da Produção da soja por município, 1998 – 200 e 2013 - 2015.
Fonte: Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul

Quando questionados sobre meio ambiente vem sempre a lembrança da legislação ambiental, que hoje regula e interfere na maneira com que as famílias praticam suas atividades produtivas e o seu convívio com a natureza. Algumas leis são bem vistas e compreendidas como diz M7 (Lavras do Sul, 2017) “As leis eu acho que tem que existir mesmo, por que se não cuidar daqui um tempo não tem mais, vão sofrer por que vão continuar desmatando e queimando.” Mas esta visão não é consenso e outros acreditam que quem faz as leis não está lá vivenciando a realidade do produtor, embora sejam importantes para coibir os excessos e exageros que, segundo eles, não são regra geral. A caça, a pesca e a coleta de frutas silvestres são as mais citadas como diversão feita de forma eventual, em quantidades insignificantes e incapazes de esgotar os recursos. O uso de madeiras nativas para lenha é relatado com estratégias diferentes em cada unidade familiar, como a seleção de espécies consideradas inferiores, seleção do porte das árvores e coleta do que naturalmente está em fim de ciclo ou quebrado pelas tempestades, assim como combinadas com o aproveitamento de

podas e colheita de algumas espécies cultivadas para esta finalidade. Todos reforçam que a quantidade usada nos fogões e lareiras é compatível com a disponibilidade, e que o problema da lenha são os moradores da cidade.

A proibição de algumas práticas de manejo de campo como as queimadas também despertam desacordo por parte de alguns entrevistados, alguns relatam que já integraram a prática das roçadas e cultivo de espécies forrageiras na sua rotina para substituir as queimadas na manutenção do campo limpo (sem componentes arbustivos) e condução da produção do pasto, outros, apesar de adotarem as roçadas pelo medo das penalidades legais, acham que deveria haver algum mecanismo legal que reconhecesse o saber do homem do campo na boa condução dessa prática.

“O fogo por exemplo, sempre se limpou o campo com o fogo, não se botava fogo se não tivesse umidade na terra, com seca, jamais ia se fazer isso. Se começava antes botando os contra-fogo para conduzir onde se queria queimar e não fazer incêndio no mato, nas casas e nos arames, que são caríssimos, ia dar prejuízo se fizesse errado. Eu tô roçando agora, nunca rocei, sempre queimava, agora eu não posso mais botar fogo, mas o trabalho e o custo da roçada é só meu! E ainda digo que o campo era melhor, meu campo era cada vez melhor com a queimada. O mineral não queima, só a palha e depois o animal vem comer a cinza, só limpa o superficial. Na primeira garoa tá brotando de volta. Tem que planejar, planejando o fogo a favor do vento e controlando os contra-fogo” (H1, Lavras do Sul, 2017)

Outra questão importante, levantada pelos pecuaristas em relação ao meio ambiente, é de que os custos com a preservação ambiental são onerosos para a sua atividade “[...] eu sou pecuarista, preciso do campo, e tenho que dar uma limpada nas ‘chircas’ (arbustos nativos), tirar alguma coisa, mas claro que não com abundância, pra estragar, pra terminar com o mato” H2 (2017), e que, apesar de beneficiarem a todos, os custos são exclusivamente do produtor. Nem a sociedade urbana e nem os governos remuneraram esta atividade e função que hoje está na mão do produtor rural, o que lhes traz um certo ressentimento por, apesar disso, carregarem a fama de serem os responsáveis pelo desequilíbrio ambiental divulgado na mídia.

“Por exemplo: se eu não posso deixar os meus bichos se abrigarem na sombra do mato ou irem no rio beber água eu vou precisar bombear essa água, cercar este mato, isto tem um custo. Vou ter que arcar com este custo sozinho pra fazer graça pro pessoal da cidade? Por que tudo cai em cima do produtor? Todo o ônus é em cima do produtor!” (H1, Lavras do Sul, 2017).

O homem e a mulher do campo são grandes observadores, contemplam atenta e demoradamente tudo ao seu redor. É impressionante a sua capacidade de escutar quando vem

alguém pelas estradas, em que tipo de veículo, se carro, caminhão ou a cavalo e sendo capazes de calcular até mesmo distâncias quando eram imperceptíveis aos ouvidos urbanos comuns.

Ao mostrar sua propriedade eles demonstram conhecê-la intimamente: seu solo, suas águas, suas plantas e os animais silvestres e as “criações” e até mesmo os ventos, fazendo leituras e abstrações sobre o seu significado na prática e na rotina diária, demonstram um vínculo estreito entre o modo de levar a vida e a natureza que está sob a sua responsabilidade.

O conflito de interesses entre os pecuaristas familiares e a legislação ambiental vigente precisa ser amadurecido à luz de maiores informações sobre as diferentes lógicas e experiências vivenciadas, através de discussões entre os agentes envolvidos, pois acreditamos que ambas as partes seriam beneficiadas pelo diálogo que poderia aproximar a as distâncias entre a teoria e a prática, assim como o viável do ideal no paradoxo entre as necessidades humanas e a vida, como um todo no planeta, em busca de um desenvolvimento integrado, com sustentabilidade ambiental, econômica e social.

5.5 As dinâmicas culturais em torno do modo de vida dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS

As diferentes referências culturais e étnicas, que deram origem aos Lavrenses constituídas, na grande maioria, por sesmeiros luso ibéricos, mestiços de índios (TORRES, 2003), assim como os descendentes de escravos africanos e engenheiros de minas e mineradores formaram um povo de hábitos simples, que se reúne para trabalhar, enfrentar os rigores da vida e do clima e também para comemorar e celebrar. A formação das propriedades rurais se deu, principalmente por concessão régia de sesmarias, ao Visconde do Cerro Formoso, e terras recebidas por militares, que foram sendo fracionadas pelo processo de sucessão familiar (OSÓRIO, 2016), assim como a compra de pequenas glebas de terra por peões que trabalhavam na estâncias (FERNANDES; MIGUEL, 2016), processo que ocorre até hoje como no caso da entrevistada M5 em que o casal começou sua vida familiar como empregados de grandes fazendas e hoje têm terras e produção agropecuária próprias.

Os CTG's, centros de tradição gaúcha, e PTG's, piquetes de tradição gaúcha, constituem formas organizacionais que congregam os pecuaristas por região ou comunidade rural para o cultivo das tradições e participação em competições culturais e esportivas. Demonstram gosto pela música e pela dança, vivenciada nas cantorias, sempre acompanhadas de gaitas e violões, assim como nos bailes de campanha e nos festejos farroupilhas. O

município é considerado o berço de renomados cantores, compositores, poetas e repentistas, atores e artistas de projeção regional, estadual e nacional que têm na vida do campo e no modo de vida do gaúcho a inspiração para as suas composições. A vida cultural da cidade é intensa, diversificada e a comunidade participa ativamente, integrando os moradores do meio rural e da cidade.

“Adoro semana farroupilha, adoro um baile, essa a minha diversão, rodeio e agora vou levar os netos. Por que eu criei meus filhos no CTG e agora levamos os netos, por que é um ambiente saudável pra se criar as crianças, eles são pequenininhos, mas já vão pra arquibancada com o vô, de bombachinha e tudo” (M5, Lavras do Sul, 2017).

Os homens divertem-se, participando de jogos esportivos como as carreiras, corridas de cavalos e cachorros – que hoje já não acontecem com frequência pela ilegalidade das apostas, jogos de carta e de osso nas vendas (armazéns rurais), e participando de rodeios, para os quais se reúnem para treinar nas propriedades e formar as equipes do PTGs.

As distâncias são grandes e o isolamento também, assim as visitas aos vizinhos, parentes e amigos são frequentes nos finais de semana para conversar, tomar chimarrão e trocar quitutes e prendas, pois quem vai visitar costuma levar algum prato preparado por eles e quando vai embora geralmente é agraciado com frutas ou legumes de estação, ovos caseiros, um vidro de doce ou algo do tipo. Nestas formas de convivência, as rodas de conversas são o meio onde opiniões são manifestas, sentimentos, informações e concepções são trocadas, valores vão sendo construídos e se cristalizando como características, marcas específicas deste grupo social (MOSCOVICI, 1978), com representações sociais próprias dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul.

A vida em sociedade acontece na participação e na presença de familiares, amigos e vizinhos nos momentos importantes e são bastante valorizados, seja para celebrar a vida nos festejos familiares como aniversários, ritos religiosos como batizados, casamentos, e festas ou ainda nos momentos mais difíceis como doenças, crises ou funerais. As missas e cultos são presentes no interior, em capelas ou de forma itinerante, nas casas de família e, além de constituir um instrumento de fé e espiritualidade, transformaram-se em momentos de encontro e convivência como conta a produtora “A gente se visita muito, têm as missas aqui, que é onde a gente se junta, também para conversar e tomar café. A gente tem que se divertir mas tem que ter a parte religiosa também. ” (M6, Lavras do Sul, 2017).

A alimentação é composta de um rico repertório gastronômico com a presença de diversos pratos e formas de preparação diferenciadas com origem nas várias etnias, diversidade esta, sempre considerada fundamental para a composição do tecido cultural tecido por este grupo social. Assim encontramos os doces de leite, ovos e frutas, tradicionais da culinária portuguesa; pratos como canjica, quibebe e mocotó, oriundos da culinária africana; *pucheros* e *parillas* da cozinha castelhana, o chimarrão e a farofa de cachorro, feita com o milho crioulo “catete”, de origem indígena além dos pratos típicos como churrasco, linguças e arroz de carreteiro. Estes pratos “[...] tão sempre nas mesas da campanha, nas reuniões de jogo de carta, nos concursos da Semana Farroupilha e nas gincanas de colégio, eu mesma já fui jurada várias vezes. ” (M1, Lavras do Sul, 2017). Os homens orgulham-se, também de serem bons cozinheiros e se dedicam a aprimorar técnicas de preparo “Meu charque feito com a manta da costela de ovelha é bem bom! ” diz H4 (Lavras do Sul, 2017) enquanto reconhece que “[...] já a linguça de com suco de laranja que o Zeca e a traíra defumada do Mano nas pescarias, também são de ‘capa de revista’⁴.” A refeição básica, diária, é geralmente preparada pelas mulheres e é composta de arroz, o feijão, a carne e vegetais cozidos ou fritos, a carne entra em muitas formas de preparação, desde o tradicional churrasco, pratos de panela e forno, até o preparo de embutidos, como linguças campeiras e charque, sendo a carne ovina a preferida pelas famílias, seguida das carnes de gado, aves e porco, assim como e peixes e eventualmente caça, geralmente em ocasiões especiais. Entre os vegetais encontramos o uso de grãos, arroz, feijão, trigo e milho na forma de canjica e ervilhas e favas. Os dotes culinários dos homens são exibidos em ocasiões especiais, geralmente fora da rotina como acampamentos, rodeios e pescarias, à exceção quando as mulheres estão fora, geralmente cuidando dos filhos na cidade para estudarem, quando então eles também assumem as panelas. Os saberes culinários, os sabores, aromas e presentes na infância e nos momentos festivos são imagens que os pecuaristas familiares carregam nas suas memórias com apreço, e são representações sócias presentes nas suas tradições e costumes que lhes permitem manter vivos os traços do passado e reforçam os sentimentos de continuidade (Moscovici, 1984), que lhes são tão caros.

A agricultura de subsistência encontra-se presente na maioria das famílias entrevistadas, em acordo com que a visão de Osório (2016) quando cita a simultaneidade das

⁴ Gíria usada para destacar algo considerado fabuloso, tão bom que seria digno de estampar as manchetes de uma capa de revista. Nota da autora, (2017).

atividades de agricultura e pastoreio na pecuária familiar do sul do estado. Nos pomares, chamados de “quinta”, os pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS cultivam cítricos, marmelos, peras e figos para consumo in natura e produção de doces, e nos cercados, áreas protegidas do acesso dos animais, cultivam mandioca, batata-doce, abóbora, amendoim, feijões, melancias e melões, além de lavouras para o cultivo do milho crioulo, de pipoca e híbridos para a alimentação animal, este hábito vem desde as gerações anteriores e garantia a autonomia na alimentação das famílias, sendo relatado que plantavam também o arroz do seco e trigo que era beneficiado em moinhos locais, dando origem a diversos tipos de farinha: a de primeira, a de segunda, a de rolão e o farelo. O “pão rolão” faz parte da identidade gastronômica dos pecuaristas familiares, sendo muito apreciado e produzido ainda hoje nas casas de família e agroindústria do município.

Atualmente as famílias relatam que está muito difícil de manter os cercados em função do ataque às plantações por animais invasores que não são retidos por cercas comuns, como os javalis (*Sus scrofa*) que “[...] comem o que podem e estragam o restante.” (H1, Lavras do Sul, 2017), e animais silvestres como as manadas de veados (*Mazama sp*) que têm preferência pelas batatas doces, amendoins e abóboras.

Perto da moradia as famílias cultivam pequenas hortas e jardins para o cultivo de temperos verdes, couve, alface, ervilhas, flores e plantas medicinais.

Os hábitos alimentares, que embora também sejam baseados no consumo da carne ovina e bovina têm a presença de frutas, grãos, tubérculos e até mesmo algumas hortaliças na rotina alimentar das famílias de pecuaristas familiares, principalmente as frutas de época colhida nos pomares domésticos, assim como as excursões à cavalo pelas matas e campos atrás de frutinhas silvestres como pitangas (*Eugenia uniflora*), araçás (*Psidium cattleianum*), guabijus (*Eugenia guabiju*) e butiás (*Butia sp*), que representam um divertido costume do começo do verão e das férias escolares na “campanha” para as crianças e jovens que voltam para a casa da família no meio rural, se a safra for abundante estes frutos silvestres vão para as cozinhas para serem transformados em geleias, licores ou colocados em maceração com cachaça, aperitivo apreciado pelos homens no frio do inverno. Dos entrevistados apenas um citou não consumir frutas, legumes e hortaliças por que não gosta, mas observou que sua família consome, embora não cultivem alimentos em suas propriedades, justificadas por falta de mão de obra ou por dividirem seu tempo com outras atividades urbanas.

O freezer e a geladeira são citados como fundamentais para conservar a produção e abastecer o consumo de forma mais distribuída durante o ano. Os produtos industrializados

são mais frequentes na alimentação da família atualmente, pela sua praticidade já que a mão de obra disponível nas famílias é menor, e pela facilidade de acesso aos mercados, em função do aumento da autonomia de renda pelas mulheres e da aposentadoria.

A criação de ovelhas está arraigada aos hábitos e costumes dos pecuaristas familiares, seja na produção da carne, seja na produção da lã que ganha forma nas mãos das mulheres através da confecção de peças que permitem suportar o rigor dos invernos gelados como cobertores, palas e ‘ruanas’ (agasalhos masculinos e femininos), além de peças da lida campeira usadas para encilhar os cavalos, como xergões e pelegos. Embora essa arte não tenha na atualidade a expressão de antigamente, pelos mesmos motivos acima citados na alimentação, algumas mulheres ainda se dedicam a esta atividade e agregam renda ao orçamento familiar, além de manterem viva esta tradição participando de grupos organizados de produção e comercialização das peças produzidas.

“A ovelha, no caso, todos têm uma ovelha, só que o que que eles fazem? Eles esquilam, e vale muito pouco a lã de uma ovelha, não dá pra nada. Ai têm que aprender que se investir e aprender trabalhar naquela lã com o artesanato, vai valer muito mais. Eu também gosto das ovelhas, do trabalho com a lã” (M3, Lavras do Sul, 2017).

O artesanato em couro, madeira, osso e chifres ainda existe, mas é pouco praticado com fins de geração de renda, sendo mais um entretenimento individual. Algumas artesãs estão buscando inovações para o artesanato local com novas tecnologias como a feltragem da lã, a confecção de acessórios e artigos decorativos como formas de manter e estimular a continuidade dessa cultura que é uma identidade cultural dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou um maior conhecimento das representações sociais e modo de vida dos pecuaristas familiares de Lavras do Sul/RS mediante a análise das categorias apriorísticas utilizadas na investigação.

Na análise da categoria relacionada à idade cronológica dos entrevistados podemos averiguar que as pessoas mais idosas estão menos predispostas a correr riscos e adotar novidades tecnológicas ou de investimento que possam comprometer as suas conquistas, dando maior valor a segurança e a estabilidade, já os mais jovens mostram-se mais interessados em novas formas de realizar trabalho e de geração de renda e mercado, que possam otimizar a pecuária sem, no entanto, descaracterizá-la. Os mais idosos valeram-se da experiência para enfrentar a crise de preços baixos vivenciada, com maior resignação quanto à lucratividade resumida, focando em outros elementos de satisfação como os aspectos de continuidade, ambientais e sociais do desenvolvimento. Os mais jovens contam com sua disponibilidade de tempo e vigor para fundamentar a esperança que demonstraram, através da crença na melhoria no contexto de mercado e na disposição para buscar alternativas de resistência e superação. Os entrevistados de meia idade foram os que se mostraram mais pessimistas, relatando cansaço pelo esforço dispendido sem o retorno esperado e, no entanto, com a visão das suas limitações para dispender grandes mudanças ou investimentos.

Na categoria de sistemas de produção procuramos estabelecer um comparativo entre os pecuaristas familiares com dedicação exclusiva à pecuária e os pluriativos. Após as entrevistas e análises podemos concluir que a classificação de dedicação exclusiva à pecuária não existe na amostra averiguada, e que todos são pluriativos em menor ou maior percentual. A composição da renda familiar em nenhuma das famílias entrevistadas, não é exclusiva da pecuária e todos utilizam recursos financeiros advindos de outras atividades como a prestação de serviços ou empregos formais, assim como a aposentadoria. Estes recursos são utilizados para garantir a viabilidade e a manutenção da propriedade e da pecuária e, portanto, as rendas de “fora” são consideradas fundamentais no contexto atual da pecuária familiar. Esta situação parece estender a um grande percentual dos pecuaristas familiares, ou não, em Lavras do Sul configurando-se em um potencial para novas pesquisas.

Ao citar a questão da ‘manutenção’ identificamos elementos que estão presentes no que chamamos acima, na seção do problema de pesquisa, de ‘resistência a inovações e a interferências externas’. O manifesto apreço pela ‘liberdade’ nas escolhas e decisões é, na

verdade, requisito de autonomia para eles. Muitas vezes, aceitar as regras de participação em grupos formais ou programas de desenvolvimento através de políticas públicas, com a de contração de dívidas, é visto como uma restrição desta liberdade e autonomia e o pecuarista familiar precisará de tempo e conteúdo informativo, na maioria das vezes maiores do que os prazos viáveis, para refletir e poder decidir se o custo vale o benefício. Desta forma os acessos às políticas públicas como ferramentas de desenvolvimento, assim como as participações em associações e formas organizativas da sociedade, só se concretizarão de maneira condicionada à manutenção da sua autonomia e liberdade de escolhas.

Na categoria de gênero, as diferenças foram notáveis na percepção dos contextos. Enquanto os homens relacionaram o desenvolvimento mais às condições econômicas e políticas: de mercado, crises e as condições de compra e venda de gado e de campo, as mulheres trouxeram mais as questões sociais, como qualidade de vida, conforto, menor penosidade no trabalho doméstico, alimentação, escolaridade, comunicação, poder de opinião e autonomia financeira como reflexos de desenvolvimento rural.

As melhorias na condição de vida da mulher com a diminuição da penosidade na execução das tarefas domésticas juntamente com uma divisão mais justa da carga de trabalho, são reconhecidas. O acesso ao lazer e aos meios de comunicação e transporte e a sua participação nos espaços de poder e autonomia também são muito valorizados, principalmente se comparados com a vida levada na infância ou a das suas mães e avós. As mulheres entrevistadas, e também alguns dos homens, os avanços e melhorias na vida das mulheres representam a maior parcela positiva do desenvolvimento rural. Reforçam esta percepção da vida das mulheres no campo com as da cidade, citando, inclusive, o aumento considerável de mulheres nos cargos de “autoridade” referindo-se a câmara de vereadores, escolas, bancos, e outras instituições formais do município. Este seria um campo rico para novos estudos e pesquisas, principalmente em relação à políticas públicas para as mulheres e jovens pecuaristas familiares, pois não encontramos nenhuma diretamente relacionada a atender as suas demandas específicas dentro da pecuária familiar.

As informações e dados coletados evidenciaram um relacionamento de interdependência com o meio ambiente, com os animais que criam e com a rotina de trabalho, assim como uma visão de continuidade na transmissão da terra e dos valores recebidos entre as gerações.

Os pecuaristas familiares mantêm um relacionamento profundo com o meio ambiente. São fortemente vinculado à natureza, deixando claro que a preservam não só por que esta

prática é bem vista aos olhos da sociedade, mas por que creem que dependem um do outro, não se vendo como exploradores, mas como parte dela, que se ajudam mutuamente.

As dinâmicas culturais deste povo são baseadas na tradição local, a vida no campo e o estilo de vida do gaúcho são valores cultivados através da dedicação e do cuidado com o que herdaram ou conquistaram, apesar de apresentarem dificuldades nas etapas de sucessão familiar em função da insegurança quanto ao futuro dos filhos na campanha ou na dificuldade de perderem sua autonomia, com receio de ficarem desamparados ao entregar-lhes o patrimônio sem ter a certeza de que estão aptos ou preparados para manter a propriedade.

Adotam estratégias de sobrevivência e de enfrentamento das adversidades, procurando resistir na atividade através de práticas robustas de gestão do trabalho e de sobrevivência. Sua maneira simples de viver e a sua cultura são a essência que caracteriza a sua identidade, enquanto grupo específico, e um modelo diferenciado de desenvolvimento rural, apropriado à sua realidade, Através das análises podemos concluir que agem de forma refletida e ponderada, demonstrando que eles sabem o que fazer, como fazer e, principalmente o que não fazer.

O fato de estarmos na extensão rural junto a esse público foi a principal motivação para a escolha deste tema, e a intenção de abastecer este segmento de elementos para uma prática mais eficaz, eficiente e satisfatória, para todos os envolvidos neste processo, foi a linha que conduziu essa pesquisa. Ao final deste trabalho podemos concluir que apenas encontramos a ponta do fio neste emaranhado complexo de condicionantes, que são o interesse e o respeito pelos recursos e saberes que as famílias têm sobre a sua atividade e modos de vida, mas que há muito ainda o que se estudar sobre os pecuaristas familiares, principalmente sobre o papel e a visão das mulheres e jovens e a contribuição que podem dar para a elaboração de políticas públicas e ações mais adequadas às suas necessidades, para que permaneçam no campo com esperança real de uma vida boa, com satisfação e alegria. Pois, acreditamos que se não for assim o quadro de rompimento na sucessão familiar das propriedades e da perda das áreas para a agricultura de mono cultivos ou para a mineração pode ser agravado.

Esta constatação de autossuficiência e autonomia pareceu, a princípio, mostrar que ações e intervenções externas sejam desnecessárias ou indesejadas, mas numa visão mais aprofundada podemos identificar em que pontos são necessárias e importantes: a escuta e a identificação dos seus sonhos e dificuldades, a motivação para a execução das etapas necessárias para conquistas através da gestão e organização, a possibilidade de viabilização

dos seus projetos através dos recursos e oportunidades trazidos pelas políticas públicas e a promoção de experiências de convívio e vivências junto a outras pessoas e realidades que possam enriquecer sua tão amada vida no campo. Arremato com as palavras tantas vezes escutadas nas entrevistas: “Se pudermos manter isso que conseguimos, está muito bom! ”

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, T.; WAQUIL, P. D.; MIGUEL, L. de A. A organização dos estabelecimentos de pecuária de corte de base familiar no Rio Grande do Sul. In: Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 288 p.
- ATLAS SOCIOECONÔMICO RIO GRANDE DO SUL. Soja. 2015. Disponível em: <http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/soja>. Acesso em: 02 de dezembro de 2017.
- BENCKE, G. A. Diversidade e conservação da fauna dos Campos do Sul do Brasil. In: PILLAR, V. de P. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- BOLDRINI, I. A flora dos campos do Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. de P. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- COTRIM, D. Introdução. Desenvolvimento rural e agricultura familiar: [recurso eletrônico] produção acadêmica da Ascar / organizado [por] Décio Cotrim. - Porto Alegre, RS: Emater/RS-Ascar, 2014. 623 p. – (Coleção Desenvolvimento Rural, v. 3).
- EMATER, R. S. Caracterização do pecuarista familiar da extensão rural no Rio Grande do Sul com vistas as ações para o desenvolvimento rural sustentável. **Porto Alegre: EMATER/RS**, 2010.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. (vol II). **A Construção da identidade**, p. 22-28, 1999.
- FERNADES, V. D; MIGUEL, L. de A. A presença histórica da pecuária familiar na região da campanha do rio Grande do Sul (Santana do Livramento, século XIX). In: Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 288 p.
- FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA DO RS. Graxaim do Campo. 2014. Disponível em: <http://www.zoo.fzb.rs.gov.br/conteudo/1507/?Graxaim-do-campo>. Acesso em: 01 de novembro de 2017.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p.69-70-71. 120 p. (Série Educação a Distância).
- IBGE. Rio Grande do Sul/Lavras do Sul/Histórico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431150&search=%7c%7cinfo%25E1ficos:-hist%25F3rico>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.
- MEDEIROS, R. B.; SAIBRO, J. C.; FOCHT, T. Invasão de capim-annoni (*Eragostis plana* Nees) no Bioma Pampa do rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. de P. **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Ministério do Meio Ambiente, 2009.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NAVARRO, Zander. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001.
- OSÓRIO, H. Pastores e lavradores do Rio Grande, XVIII e XIX. In: Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 288 p.
- REVISTA OFICIAL DO SINDICATO DE LAVRAS DOS SUL, Porto Alegre: Grupo Futura RS. 2015.

RIBEIRO, Claudio Marques. **Estudo do Modo de Vida dos Pecuáristas Familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. UFRGS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural-PGDR, 2009. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, C.M. O modo de vida dos pecuaristas familiares no pampa brasileiro. In: Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.]. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 288 p.

RIBEIRO, C. M. Pecuária Familiar na região da Campanha do Rio Grande do Sul: definições e estratégias. **Bagé: EMATER/RS**, 2001.

RIO GRANDE, D. O. SUL (Estado). Secretaria Estadual da Saúde. Centro Estadual de Vigilância em Saúde. Simulídeos: Programa Estadual Rio Grande do Sul, Brasil. **Guia para orientação aos municípios sobre o manejo integrado, controle e gestão de insetos da Família Simuliidae (Diptera: Nematocera)**. CEVS, 2006.

SOUZA, Celina et al. Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, v. 8, n. 16, p. 20-45, 2006.

TORRES, Jorge Eduardo Hamilton; MIGUEL, L. A. A pecuária familiar, uma realidade pouco conhecida: estudo de caso sobre a caracterização e análise socioeconômica da pecuária familiar no município de Santana do Livramento/RS. *Série Realidade Rural*, Porto Alegre/RS, v. 34, 2003.

ANEXOS

Roteiro das Entrevistas:

O roteiro das entrevistas foi desenvolvido com base nos objetivos gerais e específicos

1. Como é constituída a sua família?
2. Há quanto tempo você e sua família estão atuando na pecuária familiar?
3. Quais são as atividades geradoras de rendas que vocês praticam para a composição da renda familiar?
4. Apresentação de conceito de Desenvolvimento Rural e questionamento da percepção de desenvolvimento rural que o (a) entrevistado (a) apresenta.
5. Identificação de elementos que possam evidenciar a sua identificação com o público pecuarista e pecuarista familiar em específico, situando esta última terminologia na sua oficialização legal para garantir o acesso às políticas públicas específicas, como o PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar, por exemplo. Assim como suas escolhas e referências no modo de desenvolver suas atividades e rotinas.
6. Questionamento sobre o seu conhecimento a respeito das políticas públicas que pode acessar, e se acessa alguma qual a sua percepção a respeito do impacto que teve na sua atividade e seu município.
7. Pesquisa sobre a integração com o meio ambiente no qual está instalado. Como percebe a sua interação com os recursos naturais que utiliza e os valores que permeiam esta relação.
8. Abordagem sobre os hábitos de vida do produtor e sua família, qual o seu modo de vida, sua rotina de trabalho, lazer e formas de interação social.
9. Quais suas percepções para o a contribuição da pecuária familiar para cenários futuros de desenvolvimento rural da sua região.

Observação: Nas entrevistas foi adotada e levada aos entrevistados (as) a definição de pecuaristas familiares prevista na Lei Estadual Nº 13.515, de 13 de setembro de 2010, que tornou o apoio a esses produtores uma política de Estado. Essa lei foi regulamentada através do Decreto nº 48.316, de 31 de agosto de 2011, que, no seu Art. 3º, define como pecuaristas familiares os produtores que atendam simultaneamente às seguintes condições:

- Tenham como atividade predominante a cria ou a recria de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos e/ou ovinos com a finalidade de corte;
- Utilizem na produção trabalho predominantemente familiar, podendo utilizar mão de obra contratada em até cento e vinte dias ao ano;
- Detenham a posse, a qualquer título, de estabelecimento rural com área total, contínua ou não, inferior a trezentos hectares;
- Tenham residência no próprio estabelecimento ou em local próximo a ele; e
- Obtenham no mínimo setenta por cento da sua renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento, excluídos os benefícios sociais e os proventos previdenciários decorrentes de atividades rurais.